

Ativismo literário - Ecotopia

Marcus Vinícius Matias

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS -
BRASIL

Citation: Marcus Vinícius Matias. "Ativismo literário - Ecotopia." *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 9, n.º 1, 2020, pp. 10-28. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.

Abstract

The worsening of environmental problems is already configured as one of the characteristics that define 21st century. Movements that warn us about the development of climate changes, the pollution of oceans with tons of plastics and the abuse of predatory consumption societies are added on recurrent issues of global warming and inappropriate land use. I propose to discuss how these movements of awareness and dissemination of critical thinking about environmental problems are engendered through literary activism and utopian thinking. For this, I approach concepts such as sustainability and resilience, from the perspective of Phillips (2017), and also the proposal of Ecocriticism, discussed by Buell, Heise, and Thornber (2011), and Garrard (2004). As for literary perspective, works like *MaddAddam*, by Atwood, and *Ecotopia*, by Callenbach, are some of the examples that illustrate this analysis. I therefore seek to discuss how literary activism presents itself in the face of environmental problems.

Keywords: Literary activism; Ecocriticism; Sustainability; Resilience; Utopia

Resumo

O agravamento dos problemas ambientais já se configura como uma das características que definem o século XXI. Movimentos que alertam sobre o desenvolvimento das mudanças climáticas, da poluição dos oceanos, com toneladas de plásticos, e o abuso das sociedades de consumo predatório vêm a somar-se às recorrentes questões sobre o aquecimento global e o mal uso da terra. Proponho discutir como esses movimentos de conscientização e divulgação do pensamento crítico sobre os problemas ambientais são engendrados por meio de um ativismo literário e pelo pensamento utópico. Para isso, abordo conceitos como sustentabilidade e resiliência, pela perspectiva de Phillips (2017), e também a proposta da Ecocrítica, discutida por Buell, Heise e Thornber (2011), e Garrard (2004). Pelo viés literário, obras como *MaddAddam*, de Atwood, e *Ecotopia*, de Callenbach, são alguns dos exemplos que ilustram essa análise. Procuro, portanto, discutir como o ativismo literário se coloca diante dos problemas ambientais.

Palavras-chave: Ativismo literário; Ecocrítica; Sustentabilidade; Resiliência; Utopia

O termo “ativismo literário” pode nos levar a definições que abrangem desde o despertar do senso crítico e posicionamento político, a partir da leitura de obras literárias, até o estímulo à prática de ações coletivas na sociedade. Tendo em mente essas possibilidades, proponho discutir conceitualmente um tipo específico de ativismo: aquele por meio do qual atitudes ecologicamente transformadoras são inspiradas por obras literárias que, de algum modo, exploram temas de conscientização ecológica e de sustentabilidade ambiental. Como consequência de experiências desse tipo, também discuto como a literatura me levou a desenvolver um projeto de intervenção ambiental e urbanístico com base no impulso utópico.

Não estou, contudo, afirmando que o ativismo literário é uma consequência inevitável que se faz pela experiência da leitura ou da escrita de uma obra, mas que há uma possibilidade tangível de que ações práticas se concretizem inspiradas por um apelo afetivo e pela fruição estética que costumam ser provocados pela leitura de um romance ou poesia. Segundo Antônio Candido:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. . . . Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (178)

Visto por essa perspectiva, o termo “ativismo literário” não se limita ao fato de uma obra ser intencionalmente (ou não) engajada em temas ambientais, de gênero ou étnicos (apenas para citar alguns); ele traz em si um potencial transformador que está encapsulado no sentido que damos à própria obra ao interpretá-la e que pode nos impelir a uma ação prática. Trata-se, portanto, do poder da literatura de despertar reflexões e atitudes que causam impacto no modo como uma pessoa, um grupo social, ou toda sociedade, lida com suas dinâmicas de convívio e de consumo. Acontece que quando esse efeito crítico da literatura encontra morada em palavras intencionalmente organizadas por escritoras e escritores politicamente engajadas/os, o poder transformador da narrativa é potencializado.

Um exemplo desse ativismo literário intencionalmente direcionado são as lutas contra o preconceito étnico, o qual é criticado literária e cientificamente em *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Essa coletânea de textos literários e acadêmicos de autoras como Cristiane Sobral, Mel Adún, Conceição Evaristo, Débora Almeida, Esmeralda Ribeiro, e Mirian Alves foi organizada em 2016 por Down Duke, especialista em Literaturas Afro-latino-americanas e em Estudos Culturais da

Universidade de Tennessee. Através do ponto de vista das escritoras, suas “vozes . . . ganham amplitude porque ouvidas em sua multiplicidade, talvez reencenando o que a própria Conceição Evaristo chama de ‘escrivivência’, ou seja, a escrita a partir de um corpo, de uma condição de uma experiência” (Oliveira n. pag.), o que ocorre quando a própria expressão de uma dada realidade é muitas vezes silenciada. Ainda de acordo com Oliveira,¹ “Longe de qualquer possibilidade panfletária ou mesmo de qualquer insinuação de ordem autobiográfica em suas obras, as autoras, por meio do referido ativismo, analisam as condições de rupturas desejáveis com o racismo que assola este país em diversos níveis e setores” (n. pag.).

Em *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária* tanto as estruturas formais quanto as temáticas também contribuem para uma expressão estética de igual função ativista, ao mesclar ficção com não-ficção em um discurso polifônico e de textura fortemente tecida. O efeito que daí surge é a expressão de experiências vividas e transformadas pela literatura na vida dessas autoras que, em troca, alimentam a literatura com suas vidas e experiências, inspirando mudanças de percepção quanto aos conflitos étnicos em uma tradição de luta feminina.

Outra preocupação é a denúncia da representação das personagens negras na literatura nacional, ainda carregada de estereótipos. Esta preocupação convoca outro debate, qual seja o da construção do protagonismo negro nesta vertente literária de que falamos. De forma semelhante, o desafio da formação do leitor brasileiro (sic.), principalmente quando de pele escura e que pouco se reconhece na literatura brasileira *tout court*. (Oliveira n. pag., grifo do autor)

Também existem exemplos de modos mais sutis de ativismo literário, como é o caso do britânico Lewis Carroll, em sua famosa obra *Alice no país das Maravilhas*. É provável que Carroll tenha inserido passagens em seus livros que em muito se assemelham aos efeitos do uso de narcóticos, como um modo de alertar as crianças (e seus pais) sobre os males de se ingerir substâncias que faziam parte dos costumes sociais, mas que frequentemente levavam a morte. Um desses costumes era o grande consumo de ópio na Inglaterra vitoriana, usado principalmente como forma de acalmar as crianças, mas que era extremamente nocivo aos infantes (qtd. in Wohl 34-5).

Na obra de Carroll podemos perceber a referência a um dos efeitos sofridos pelas crianças vítimas do uso de ópio: “Alice não gostou nada da aparência da coisa. . . . ‘Se você vai se transformar em porco, minha querida’, disse Alice, seriamente, ‘não terei mais nada a fazer com você’” (87). Alice se refere a aparência grotesca da

criança que ela segura nos braços, sendo similar em aparência ao encolhimento dos bebês quando morriam vítimas do narcótico no mundo extraliterário.

Alimentopia - um ativismo ecocrítico

Em outro fragmento de *Alice no país das maravilhas* parece haver um alerta para o perigo de uma possível intoxicação alimentar. Alice segura um frasco no qual está escrito “beba-me”, mas ela é cuidadosa e decide avaliar a situação antes de seguir a instrução: “Era muito fácil dizer ‘beba-me’, mas a pequena e sábia Alice não faria isso com pressa. - Não, eu vou olhar primeiro, disse ela, e ver se está marcado como ‘veneno’ ou não” (Carroll 9-10). A desconfiança de que nem tudo o que está disponível para o consumo nos faz bem, chama à atenção para a presença de adulterantes nos alimentos e, portanto, da necessidade de um rigor maior nos processos de produção, de preservação e de distribuição destes.

Em 1840 já era comum a presença de substâncias e aditivos estranhos e nocivos nos alimentos para a classe trabalhadora, tais como estricnina, *cocculus inculus* (ambos são alucinógenos) e cobre no rum e na cerveja; sulfato de cobre nos pickles, frutas engarrafadas, vinho e conservas; cromato de chumbo na mostarda e no rapé; carbonato de cobre, sulfato de chumbo, bissulfato de mercúrio e chumbo veneziano em produtos de confeitaria e no chocolate; chumbo no vinho e na cidra, o que contradiz a ideia de que no passado a comida era mais saudável (qtd. in Wohl 34-5).

Nesse contexto configurado por perigos de ingestão de alimentos tóxicos, um grande número de obras literárias, cujo impulso utópico orbita a temática da alimentação e sua relação com o meio ambiente, passou a tratar de forma mais crítica dos processos de produção, distribuição e descarte em grande escala dos alimentos. Tal alimentopia se constrói na esperança de despertar a reflexão sobre os benefícios de uma alimentação saudável para a formação de uma sociedade melhor e de chamar a atenção para a degradação do meio ambiente por conta da exploração indevida da terra. Na esteira dessa abordagem, também são alvo de críticas a utilização de adubos químicos, fertilizantes e o descarte inapropriado de restos de comida, porque tais sobras poderiam retroalimentar a terra, a exemplo de produção de adubo por compostagem, em vez de superlotarem os lixões dos centros urbanos; além disso, evitariam o uso de química para adubar a terra. Outro problema relacionado ao alimento, ao descarte e ao mal uso da terra é assim colocado por Lyman Sargent:

. . . uma vez que se pergunta o que as pessoas comem, surgem dúvidas sobre como a comida é produzida, como é preparada e quem a prepara, como é servida e quem a

serve, quem faz a limpeza após a refeição e o que acontece com as sobras. E essas questões implicam claramente questões como a natureza das famílias e comunidades, relações de gênero, relações rurais / urbanas, economia e mecânica de produção, distribuição e consumo e saneamento, e essas questões também se relacionam claramente com o sistema político e como são tomadas as decisões sobre essas questões. (14)²

Boa parte de obras (ficcionais e não-ficcionais) que abordam a temática da alimentação em um contexto utópico pode ser encontrada em *Food Utopias - Reimagining Citizenship, Ethics and Community* (2015). No capítulo 2 desse livro, uma espécie de curadoria literária é organizada e analisada por Sargent; obras que não só, por contraste, provocam reflexões sobre uma realidade histórica de exploração indevida da terra e conseqüente ameaça ambiental, mas que também sugerem, por meio do pensamento utópico, imbricados sistemas de produção e descarte sustentável, a organização do trabalho rural e cuidados com a saúde alimentar. Um exemplo dessas produções é *A vision of future Australia* (1991), de Phillip Toyne, cujo enfoque é sobre alimentos produzidos sem que seja necessária a adição de qualquer produto químico.

Na coleção de histórias e poemas, intitulada *Earthfuture: Stories from a sustainable world* (1999), de Guy Dauncey, produções orgânicas em pequenas propriedades rurais (negando os modismos “orgânicos” das grandes indústrias alimentícias) são trazidas ao cardápio em pequena escala e em produção local.

A proposta de voltar as atenções para a produção de alimentos de forma sustentável, ou seja, sem o uso de venenos e com uma economia cíclica no modo de produção e distribuição destes, pode ser encontrada nas primeiras histórias de Dauncey, como o conto “Going organic”. Nessa narrativa, que se passa em 2005, ou seja, em um futuro não muito distante da época em que foi escrita, o estabelecimento de fazendas orgânicas de pequeno porte promove o surgimento de cooperativas de alimentos saudáveis que seriam destinados para uma área no sudoeste da Inglaterra (qtd. in Sargent 21). Essa história foi, na verdade, baseada em projetos já existentes e que ficamos sabendo deles por meio de uma nota do próprio autor, nos fazendo perceber, de uma só vez, que existem formas mais saudáveis de produção, organização e distribuição de alimentos, e que estas são viáveis porque já existem exemplos no mundo extraliterário.

Do mesmo modo, Marge Piercy, ao abordar a questão da produção do alimento em sua obra *Women on the edge of time* (1976), não exclui o respeito ao meio ambiente e a igualdade social:

As crianças trabalham, os velhos trabalham, mulheres e homens trabalham. Trabalhamos muito para alimentar todo mundo sem destruir o solo, mantendo sua saúde e fertilidade. Com a maioria das pessoas em meio período, ninguém se mata de trabalhar do amanhecer ao anoitecer como os fazendeiros antigos. (121)³

Consideradas pelo viés do ativismo literário, essas obras reforçam o argumento de que estamos, de algum modo, despertando o senso crítico sobre nossas atitudes quotidianas quando entramos no universo da narrativa (como leitores/as ou como escritores/as) e experimentamos situações que nos fazem imaginar, por comparação, como elas seriam na nossa realidade. Se, a partir daí, assumimos novas formas de ser e de lidar com a nossa relação com o alimento e o meio ambiente, então o efeito reflexivo da obra encontrou um desfecho positivo. Por esse efeito reflexivo é que defino o ativismo literário: um processo de transformação política que pode se configurar a partir da recepção de uma obra ou na composição desta.

A Ecocrítica

No ativismo literário que apresento aqui, a construção crítica de uma dada visão de mundo, não raro, se mostra através de manifestações que assumem características mais engajadas politicamente, ao inspirar a ruptura com as condições indesejáveis de exploração do ser e de seu entorno. É o caso do escritor e jornalista Mia Couto que, mais engajado politicamente, nos diz: “Temos de reinventar uma maneira de fazer política, porque isso afeta a nós todos (sic). Faço isso pela via da escrita, da literatura . . .” (Novaes n. pag.).

Couto é um ativista moçambicano, cujos trabalhos também se desenvolvem em relação aos estudos sobre o impacto ambiental e às tentativas de enfrentar dificuldades para manter suas ações contra as sequelas de um desenvolvimento predatório, o que pode ser lido como a resposta a uma inquietude materializada pelo verbo em suas obras. Nesse sentido, a forma de compensação que o ato de escrever se insere está em convergência com o que diz Italo Calvino:

. . . escrevemos para que o mundo não escrito possa exprimir-se por meio de nós. No momento em que minha atenção se afasta da ordem regular das linhas escritas e acompanha a complexidade movente que nenhuma frase pode conter ou exaurir, me sinto próximo de entender que, do outro lado das palavras, há algo que busca sair do silêncio, busca significar por intermédio da linguagem, como dando golpes no muro de uma prisão. (114)

Este modo mais engajado de ativismo literário se difere (mas não se afasta) daquele no qual uma inquietação é despertada pelo ato, a princípio passivo, da leitura de uma obra, catalisando experiências sociais com o propósito de repensá-las. Há, no entanto, um momento de recepção de uma dada leitura que pode vir a se transformar em atitudes transformadoras da realidade histórica do/a leitor/a. Tais mudanças costumam ser estruturadas por questionamentos e reflexões cujas origens estão na percepção do teor crítico da narrativa sobre vivências ou fatos silenciados por um *status quo*, como é o caso das escritoras de etnia afro, apresentadas anteriormente.

Quando seu direcionamento se aproxima mais das questões ambientais, o ativismo literário vai ao encontro de pensamentos reflexivos levantados por outras áreas que não apenas as da literatura em si, a exemplo da Ecocrítica:

. . . problemas ambientais exigem análises em termos culturais e científicos, porque são o resultado de uma interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso envolverá estudos interdisciplinares que se baseiam na teoria literária e cultural, filosofia, sociologia, psicologia e história ambiental, além de ecologia. (Garrard 27)⁴

Mesmo entendendo o ecocriticismo como produção multidisciplinar do pensamento crítico, percebo que em áreas da expressão artística - como a literatura e as demais expressões estéticas criativas - esta manifestação do pensamento se populariza e amplia sua atuação devido a fluidez de sua materialidade. Daí sua estreita relação com o ativismo literário:

. . . os experimentos de literatura e outras mídias com pensamento fora da caixa podem oferecer recursos exclusivos para ativar a preocupação e o pensamento criativo sobre o futuro ambiental do planeta. Por si só, é improvável que representações criativas de danos ambientais libertem sociedades de estilos de vida que dependem de ecossistemas radicalmente transformadores. Mas refletir sobre obras de imaginação pode levar a uma preocupação intensificada sobre as consequências de tais escolhas e possíveis alternativas a elas. (Buell, Heise, and Thornber 418)⁵

O ecocriticismo alinha-se com a ideia de que é através da manifestação criativa da imaginação e do seu entendimento, que questões relacionadas às diversas formas de degradação ambiental nos dias atuais podem ser compreendidas de modo mais significativo. O poder das narrativas de nos fazer sentir, por meio da imaginação, uma determinada realidade, aliado a fatos históricos e científicos, desempenha um papel

importante para a compreensão da tensa situação que o planeta vem experimentando e a urgência em se discutir esse assunto.

É nesse sentido que Lawrence Buell e suas companheiras de pesquisa, Ursula K. Heise and Karen Thornber argumentam que na Ecocrítica “os estudos de literatura e meio ambiente . . . , compreendem uma iniciativa eclética, pluriforme e interdisciplinar que visa explorar as dimensões ambientais da literatura e outras mídias criativas . . . ” (418).⁶

Em se tratando do jogo entre a imaginação e a literatura, as narrativas que trazem como tema o impulso utópico são provavelmente as que mais facilmente dialogam com o ativismo literário, em ambas as formas: construindo lugares (topoi) ecologicamente ideais, ou, pelo contrário, ao apresentarem um modelo de crítica sobre a depredação ambiental. O romance *Ecotopia* (1973), de Ernest Callenbach, por exemplo, nos leva a uma sociedade completamente transformada pelo uso consciente do espaço, dos modos de produção, reutilização e reciclagem dos bens de consumo, tudo em respeito às dinâmicas do meio ambiente.

Imaginar-se vivendo em um lugar melhor, seja onde a vida é mais tranquila e há abundância de alimentos e conforto, seja em um ambiente ecologicamente harmonioso, não é algo raro. No entanto, imaginar que esse lugar é uma reconfiguração de uma boa parte de seu país, o qual passou por um processo radical de separação política com o restante do continente e de retorno a um modo de vida completamente oposto ao que costumava ser, é um salto significativo da imaginação. É esse o mote da narrativa de Callenbach: mostrar, por meio do contraste, a transformação de parte do território estadunidense, após a revolucionária decisão de separar politicamente a região oeste e transformá-la em um local utópico.

Apesar de *Ecotopia* ter sido duramente criticada por conta de sérias contradições de gênero ou falhas conceituais no aprofundamento criativo e na elaboração estética do contexto ficcional, como apontado por Naomi Jacobs (3), essa obra consegue, ainda assim, criar um ambiente utópico curioso e com algumas propostas que vieram a se tornar reais com o passar do tempo. É o caso da separação do lixo ou da reciclagem de bens comuns, como roupas e acessórios. Há, portanto, a exposição de um modo alternativo de vida e de relacionamentos sociais que contrastam com aquele experimentado nos Estados Unidos da década de 70, através da qual percebemos a necessidade e o cuidado em se preservar o meio ambiente, mas que, lamentavelmente, ainda não consegue se desvincular de velhos padrões ideológicos, como as questões de gênero, de forma igualmente revolucionária.

Toda a descrição dessa zona utópica chamada de Ecotopia é feita por um método narrativo/argumentativo que consiste em criar diálogos entre o cético visitante enviado para investigar essa nova região, o jornalista William Weston, e os diversos habitantes locais: transeuntes, líderes comunitários, trabalhadoras, funcionárias de lojas, líderes políticos, etc. É através dos diálogos com essas personas que as ideias e a estrutura social de Ecotopia são aos poucos apresentadas e colocadas à prova, seja por argumentos científicos, ou pela vivência positiva do próprio jornalista nesse local idealizado segundo princípios norteados pelo respeito ao meio ambiente. Por esse viés podemos perceber o poder de crítica e de reflexão que essa obra literária traz em si e que converge com o que a ecocrítica defende: nos alertar para a necessidade de pensarmos o planeta e agirmos de modo sustentável, por meio de diversas áreas do conhecimento. O que me leva a perguntar: o que é sustentabilidade?

Segundo Dana Phillips, em seu artigo “Collapse, resilience, stability and sustainability in Margaret Atwood’s trilogy” (2017),⁷ o termo “sustentabilidade” tem sido usado tão variadamente e em tantos contextos que seu significado atualmente encontra-se envolto pelas brumas da ambiguidade e por isso nos alerta sobre a necessidade de cautela em o utilizarmos:

“Sustentabilidade” é uma palavra em busca de um significado preciso há várias décadas. Ela é definida de várias formas, como abraçar fontes alternativas de energia, como a prática da chamada permacultura, como uma filosofia de vida de baixo impacto e - para alguns de seus adeptos, incluindo a maioria dos governos - como uma nova estratégia para o desenvolvimento continuado seguindo as linhas familiares estabelecidas pelo capitalismo e na esteira do pico do petróleo. Precisamente porque significa muita coisa, ninguém foi capaz de desambiguar o termo, identificar os componentes necessários da sustentabilidade e explicar como ele pode ser alcançado. (Phillips 140-1)⁸

Analisando a complexidade em se definir tal termo e também para ajudar a entendê-lo em sua própria dinâmica enquanto fenômeno, Phillips o compara com um conceito relativamente novo: a resiliência. Também o faz com outros dois fenômenos da natureza: o colapso e a estabilidade. Juntos, esses quatro fenômenos são analisados por Phillips na busca de uma melhor interpretação do que ocorre, precisamente, no complexo cenário ficcional pós-apocalíptico da trilogia *MaddAddam*, de Atwood, mas propriamente sobre o primeiro romance: *Oryx and Crake*.

Segundo Phillips, enquanto a sustentabilidade é entendida como uma forma de controle do meio ambiente - o mantendo sempre previsível - a resiliência, por outro lado, se mostra como um fenômeno relativamente imprevisível da natureza e com habilidade de se adaptar as mais diversas mudanças, sempre buscando a sua própria preservação. É o que acontece quando, após uma enchente, novas espécies surgem no lugar de outras que costumavam habitar uma certa área, a qual, de um modo geral, volta a ser a mesma, mas com nova dinâmica entre as espécies que o constitui. Ou, no caso da obra de Atwood, quando o desfecho da trilogia nos leva a perceber que em vez de o meio ambiente finalmente se tornar estável (no contexto da narrativa) e, portanto, sustentável após a interferência bioquímica de Crake, ele continua seu processo de transformação biológica e torna-se palco para novos atores, cuja existência ocupa um lugar que outrora era de posse dos seres humanos, como analisa Phillips:

A resiliência, portanto, parece desempenhar um papel subversivo nesses romances. Como sugeri anteriormente, a resiliência pode, junto com a estabilidade, situar-se entre colapso e sustentabilidade. Mas o resultado é, na melhor das hipóteses, uma síntese insípida - e a mediação, ou melhor, o processo evolutivo parece continuar em andamento, sem fim à vista. (156)⁹

O que ocorre é uma adaptação deste ambiente ficcional às novas condições climáticas, mantendo suas configurações originais, mas com o surgimento de novas espécies e novos ciclos de renovação climática e de produção de bens de consumo que desafiam a previsibilidade ou o controle desejável. Na obra de Atwood são os Crakers os supostos representantes dessa nova era: uma espécie humanoide, produzida em laboratório com o propósito de habitar a terra como um ser “melhorado”, ou seja, adaptado ao novo ambiente pós-apocalíptico e às novas condições climáticas e, portanto, um ser que representa a estabilidade.

No entanto, aos poucos os Crakers vão adquirindo habilidades imprevistas pelo seu criador (Crake) e começam a apresentar mudanças de hábitos, inclusive biológicas, quando as poucas mulheres humanas restantes começam a engravidar das espécies masculinas de Crakers, ao fim da trilogia: “. . . processos evolutivos continuam a funcionar como sempre foram feitos. O resultado da interferência de Crake não é a estabilidade, mas a resiliência - no caso dos Crakers, da natureza humana - e uma previsão duvidosa para a sustentabilidade” (Phillips 155).¹⁰

Nesse sentido, o ecologista canadense C.S. Holling afirma que a resiliência “é uma medida da persistência dos sistemas e de sua capacidade de absorver mudança e perturbação e ainda manter as mesmas relações entre populações ou variações de

estado” (*apud*. Phillips 141-2).¹¹ Isso acontece porque seu maior atributo não é preservar uma espécie em particular, mas o sistema como um todo; manter o meio que dará condições para que a vida se reestabeleça após ter sofrido algum tipo de distúrbio ou alteração de alguma ordem invasiva. É como uma dança de cadeiras, sendo as cadeiras análogas aos sistemas da natureza, e as espécies que os habitam são os/as dançarinos/as que revezam a vez de sentar ou de ficar de fora daquela rodada. A resiliência é, portanto, sistêmica e se distribui por todo o meio.

Nesse jogo o colapso assume o papel de causa natural e a estabilidade o de atender às expectativas idealizadas pela comunidade científica, segundo as quais um ambiente se renovaria após uma grande catástrofe e voltaria a ser como antes. Porém, como argumenta Phillips, há pouca probabilidade dele voltar a ser exatamente como era.

Então, pode-se dizer que, enquanto a ameaça de colapso - que em nosso tempo é representada de maneira mais dramática pelas mudanças climáticas globais - faz com que alcançar a sustentabilidade pareça uma necessidade absoluta, a realidade da resiliência sugere que existe um meio termo entre os dois extremos, um espaço dinâmico em que algo como uma negociação contínua sobre as diferenças aparentemente gritantes que podem ocorrer entre colapso e sustentabilidade. A justaposição entre os cenários do pior caso e do melhor caso do futuro do meio ambiente obscureceu esse meio termo *no discurso popular*, assim como a crença persistente de que, deixado por conta própria, o mundo natural prefere a estabilidade. . . . O meio termo é um terreno contestado. (Phillips 143, grifo meu)¹²

Com efeito, esse meio termo ou o local intermediário apontado por Phillips e ocupado pela resiliência, é também o local de instabilidade e, portanto, da incerteza porque o que parece ser uma coisa boa para a natureza, não o é necessariamente para os seres humanos. Se nos adaptamos a um determinado meio ambiente e dele retiramos nosso sustento de forma metódica e previsível, uma mudança repentina nessa situação, na qual novas espécies surgem em detrimento das já esperadas, isso exigirá dos seres humanos uma igual capacidade de mudança e adaptação. Nem sempre essa mudança é algo fácil ou possível de acontecer; daí nossa necessidade e desejo por um ambiente sustentável ou que, no caso de um colapso climático, seu resultado seja um retorno à estabilidade (sobretudo, econômica).

É nesse ponto que a análise de Phillips sobre a obra de Atwood nos leva a um desfecho irônico. Segundo Phillips, toda a problemática da trama parece se fundar, justamente, na busca por um ambiente sustentável. O cenário pós-apocalíptico da trilogia não foi, portanto, causado por uma catástrofe ambiental, como uma mudança climática radical: “O que aconteceu antes do começo de *Oryx e Crake* pode ser

caracterizado menos como um colapso do que como uma falha, um fracasso, da sustentabilidade - exatamente do tipo que estamos experimentando no momento presente na história” (Phillips 149).¹³ Ela se refere à tentativa malograda de se criar uma espécie nova e que se adaptasse tão perfeitamente ao novo ambiente que resultaria na estabilidade deste.

Curiosamente, no mundo extraliterário (nessa “nossa história”), um tipo inesperado de colapso desestruturou não só a crença em que após uma crise a estabilidade retornaria, como também as bases do atual sistema econômico de exploração dos recursos naturais: a COVID-19. No início da pandemia provocada pelo novo corona vírus (quando estávamos em total isolamento), já se observava como a natureza aos poucos voltava a ocupar os espaços outrora frequentados pelos seres humanos, como rios ou parques urbanos. Isso provocou um contraste entre a ideia de que é possível a natureza voltar a ser o que era antes, com a incerteza sobre isso, presente na pergunta que se espalhava nos meios de comunicação: “Como será a vida pós-corona vírus?”

Poderia dizer que o que se presencia nessa crise pandêmica é o embate entre o vírus Corona e uma espécie bem similar a ele: o ser humano. O primeiro, assim como o segundo, tem por prática de sobrevivência o esgotamento predatório de sua fonte de vida, o meio ambiente em que se insere. Não fosse por atitudes sensatas de parte da comunidade que representa os seres humanos, essa afirmação seria incontestável.

Analisando algumas manifestações que, por conta da situação de ameaça global por uma pandemia, afirmam que voltar ao que era antes é justamente o que não devíamos fazer - porque foi esse modo de vida que nos levou ao colapso (supondo que chegamos a um colapso social e econômico) -, percebo que o fenômeno da resiliência, apresentado por Phillips e por Holling pode ser a resposta à pergunta sobre como vai ser a vida pós-corona.

O caminho para mudanças mais significativas, nesse sentido, não será pavimentado pelo retorno a um “como era antes” (e sua estabilidade), mas pela diversidade de possibilidades que essa tentativa de retorno pode provocar. Embora arriscada, instável e até imprevisível, a resiliência é provavelmente a responsável pelo surgimento ou estabelecimento de novas espécies e formas de convívio no planeta (ou de, pelo menos, realocá-las), o diversificando. Aceitá-la é entender que para a preservação do planeta devemos deixar de pensar apenas em nós como única espécie que merece atenção. Como aponta Ynestra King:

Um ecossistema saudável e equilibrado, incluindo habitantes humanos e não humanos, deve manter a diversidade. . . . A vida social e a vida natural são literalmente

simplificadas para o inorgânico para a conveniência da sociedade de mercado. Portanto, precisamos de um movimento global descentralizado, baseado em interesses comuns, que celebre a diversidade e se oponha a todas as formas de dominação e violência. (*apud.* Garrard 39)¹⁴

A resiliência (no caso dessa discussão), ou as incertezas (no caso da situação pandêmica) destacam nossas fragilidades tanto com o Outro, quanto com o nosso próprio sistema econômico de produção, distribuição, consumo e descarte dos nossos bens de desejo e de sobrevivência (que não estão necessariamente na mesma medida).

Essa é uma das conclusões que Phillips nos faz chegar, quando ela chama a atenção ao desfecho de *MaddAddam*, mais precisamente quando ela aponta para a necessidade dos sobreviventes por produtos industrializados como papel higiênico ou roupas que os abrigassem dos efeitos nocivos do sol:

A paisagem de *MaddAddam* está tão destruída que os sobreviventes não têm outra escolha a não ser continuar se escondendo entre os restos da própria civilização industrial que eles um dia tiveram a esperança de renunciar. . . . Por um lado, eles viram o fim da civilização industrial; por outro lado, eles continuam a depender de seus produtos. (Phillips 157)¹⁵

Por ironia, é justamente a herança de um modo de vida industrial, que se torna fonte de esperança e sustento daqueles e daquelas humanos/as que conseguiram sobreviver ao declínio do consumo predatório e motivo que os levaram, outrora, a esse ambiente colapsado.

Campus Utopicus: um ativismo literário em ação

Finalizo esse percurso por conceitos e narrativas que abordaram modos de ativismo literário, apresentando um relato pessoal de como obras literárias e teóricas sobre os utopismos e a Ecocrítica me levaram a ações ativistas, por meio de um projeto de pós-doutoramento. O projeto *Campus utopicus - imaginativismo e utopia*¹⁶ (2019-2020) surgiu com a proposta de fazer uma intervenção estrutural imaginativa no Campus da Universidade Federal de Alagoas (Brasil), por meio da participação de seus docentes, discentes e técnicos administrativos. O que motivou essa intervenção foi a ideia de se criar um modelo de Universidade sustentável e acolhedora, segundo o impulso utópico.

Partindo da percepção de que um Campus universitário em muito assemelha-se a organização política e espacial de uma cidade (só que em escala menor), a proposta era incentivar a imaginação dos e das participantes do projeto, no sentido de transformarem seus desejos e sonhos de um lugar melhor em narrativas para uma

cidade sustentável. A utilização de energia limpa, a reutilização da água, a humanização das relações sociais e políticas, assim como a edificação de espaços acolhedores inseridos no projeto urbanístico desse novo ambiente eram algumas das minhas expectativas. Além de contribuir com uma gestão mais sustentável do Campus, essas experiências poderiam me ajudar a entender e especular como seria essa mesma intervenção na cidade de Maceió ou em qualquer outro centro urbano.

Para tanto, precisava conhecer mais a fundo a elaboração e as dinâmicas de um projeto que já estava em andamento em Portugal e que também me inspirou: o *Valongo, cidade utópica*,¹⁷ realizado por meio do centro de investigação CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde iniciei o meu pós-doutoramento sob a supervisão da professora doutora Fátima Vieira.

No processo de investigação e levantamento de dados para o *Campus Utopicus - imaginativismo e utopia* tive a oportunidade de acompanhar estagiários/as do CETAPS¹⁸ em atividades cujo objetivo era promover o ativismo ambiental em uma escola secundária da cidade de Valongo, próxima ao Porto. Este foi, portanto, o meu primeiro contato com ações ativistas em proteção ao meio ambiente. Tal experiência ampliou meu projeto inicial, o qual se limitava ao Campus que eu tinha em foco, para acrescentar em minhas investigações dois novos temas: o conceito de Alimentopia e o de Ecotopia.

Com base nesses conceitos teóricos foi desenvolvido na Escola de Valongo, no início de 2020, um sub-projeto de conscientização alimentar e ambiental, com a parceria de docentes e funcionárias da cantina da escola que se mostraram muito engajadas/os nas ações lá realizadas. Essa prática resultou na produção de uma horta pedagógica e em contatos com o corpo discente para discussões sobre alimentação saudável, reciclagem das sobras de alimentos e compostagem destes para a produção de adubos orgânicos, beneficiando o meio ambiente. Outro benefício que vem à reboque dessas ações é o de evitar o uso de fertilizantes químicos, além de reduzir o descarte de alimentos que apenas aumentariam a quantidade de lixo na cidade, sendo, portanto, ecologicamente amigável.

Com a manutenção desse projeto a escola vai poder otimizar a aquisição de seus produtos de consumo alimentar, porque serão produzidos em suas próprias instalações, o que reduzirá o custo para o abastecimento das dispensas da cantina, a tornando, assim, sustentável. Essas mudanças na dinâmica de produção e consumo do próprio alimento, além da preservação ambiental e conscientização ecológica dos/as envolvidos/as (discentes, docentes e técnicos/as) rendeu a escola o selo de bandeira

verde, o que quer dizer que ela agora é considerada uma escola ecologicamente engajada.

Outras atividades estavam previstas a acontecer, como a realização de um estudo sobre os alimentos típicos locais, com o objetivo de conscientização e (se fosse o caso) de resgate cultural. Trata-se de um movimento de reeducação alimentar associado a resistência às influências das grandes indústrias alimentícias sobre a formação identitária local. Infelizmente, a paralização social causada pela COVID-19 impediu que concretizássemos essa etapa do projeto.

Toda essa exposição sobre as atividades realizadas na Escola Secundária de Valongo, através de minhas investigações na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foram impulsionadas pelo engajamento ativista com base literária e ecocrítica, somados a minha relação com os estudos do utopismo.

No entanto, a esperança de que mudanças significativas possam ocorrer a partir da experiência literária deve, primeiramente, ser direcionada ao próprio ato de ler literatura. Em uma época na qual a linguagem vem sendo controlada por limites mínimos de caracteres, o risco de igualmente limitarmos a expressão do pensamento, ou a extensão deste, está cada vez maior. Problemas de interpretação textual, por parte dos/as jovens, já é uma realidade presente e que se espalha com a mesma velocidade com que se espalham as *fake news*. Essa última ocorre provavelmente por conta da dificuldade de se separar, por meio do questionamento interpretativo, crítico e reflexível, o que é real do que é apenas um simulacro mal intencionado. Essa falha no poder de interpretar um texto tem sido, portanto, um dos fatores prejudiciais para o ideal de mantermos uma sociedade justa, igualitária e alerta para os perigos ambientais, quiçá políticos.

É justamente no agravamento do problema de interpretação textual que reside, por contraste, a importância da literatura em nossas vidas. Como foi discutido ao longo dessa exposição, é por meio dessa expressão artística e estética do pensamento e interpretação do mundo que o senso crítico e novas possibilidades de intervenção no planeta podem ser estimulados ainda mais. A contribuição de autores e autoras como Sargent, Piercy, Phillips, Calvino, Buell (e muitos/as outros/as) à prática sempre transformadora que é a reflexão crítica foram cruciais para esse artigo, por levantarem questões de fundamental preocupação com o meio ambiente e com nossos hábitos alimentares.

A alimentopia, por exemplo, foi apresentada aqui como uma dessas questões que merecem a atenção, por conta de sua relação dinâmica com os sistemas de produção, distribuição e descarte de alimentos. Sua importância está em promover

uma maior conscientização sobre o teor saudável do que escolhemos para consumirmos e como lidamos com as sobras que são deixadas para o lixo. Apostar em uma prática de reutilização natural dos alimentos, na forma de compostagem e produção de adubo pode provocar uma saudável diminuição do uso de fertilizantes químicos nos produtos que comemos.

Igualmente saudável são as preocupações com o descarte do lixo, que poderia ser reciclado, diminuindo o impacto ambiental e os gastos com as reservas naturais de matéria prima para a confecção de novos produtos para o mesmo uso. A mudança de hábito em relação ao modo de consumir bens materiais está em convergência com a mudança de hábitos alimentares, uma vez que ambos exigem de nós a elaboração de novos valores e a persistência em se adaptar a novas formas de lidar com nossos desejos de consumo.

A valorização de alimentos locais, por meio da geo-história de uma determinada comunidade pode ser uma das formas de resistência cultural e política, em um movimento contra a homogeneização do paladar e conseqüente apagamento identitário provocados pelas grandes indústrias de alimentos. A exemplo da obra de Dauncey, comentada anteriormente, a qual aborda o surgimento em pequena escala de cooperativas alimentícias em uma comunidade inglesa, quando micro produtores locais assumem os modos de produção, distribuição e consumo de seus próprios alimentos, eles/as não estão apenas mantendo uma atividade econômica sustentável, mas também a cultura e a história de sua comunidade, através da manutenção dos alimentos e hábitos alimentares responsáveis pela identidade desse povo.

Concluo, então, esse caminho nem sempre tranquilo das discussões em defesa do posicionamento mais crítico em relação ao futuro do meio ambiente e de seus habitantes, apresentando um *haikai* de minha autoria, feito em uma manhã morna e silenciosa de sábado, ao ouvir o vendedor de macaxeira passar pela rua anunciando em tom melancólico o fruto de sua produção:

Manhã de sol
O vendedor de macaxeira
Expõe suas raízes

Ao contrário das primeiras poesias do Romantismo, nas quais o/a poeta se destaca da natureza, criando um distanciamento melancólico e descritivo, no *haikai* - ou nessa aproximação do poema japonês que apresento - a natureza é incondicionalmente ligada ao seu observador, fazendo parte constante dele e ele dela. Em apenas três linhas e de forma simples, objetiva, mas também contemplativa, há a representação de elementos da natureza que se confundem com atributos humanos.

Nessa relação imbricada que sugere a impensável separação de um do outro, a macaxeira¹⁹ representa, ao mesmo tempo, o produto vendido e a identidade do vendedor: suas raízes.

Obras Citadas

Buell, Lawrence, Ursula K. Heise, and Karen Thornber. *Literature and environment*. Harvard University, 11/07/2011, www.annualreviews.org. Accessed 23/12/2019.

Callenbach, Ernest. *Ecotopia*. Banyan Tree Books, 2004.

Calvino, Italo. *Mundo escrito e mundo não escrito*. Companhia das Letras, 2005.

Candido, Antonio. "O direito à literatura". *Vários Escritos*, 5.^a ed. Ouro Sobre Azul, 2011, pp. 171-93.

Carroll, Lewis. *Alice's adventures in Wonderland*. http://www.gasl.org/refbib/Carroll__Alice_1st.pdf. Accessed 22/01/2020.

Duke, Dawn, org. *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Nandyala, 2016.

Garrard, Greg. *Ecocriticism*. Routledge, 2004.

Haran, Joan. "Imaginativismo: explorações do impulso utópico dos feminismos da ficção científica e do ativismo do/a leitor/a - escritor/a". *Movências da utopia - Trânsitos Utópicos*, Vol. 1, organizado por Ildney Cavalcanti, Ana Claudia Aymoré Martins, Marcus Vinícius Matias, e Felipe Benicio, Edufal, 2019, pp. 69 - 93.

Hollings, C. S. "Resilience and Stability of Ecological Systems." *Foundations of Ecological Resilience*, edited by Lance H. Gunderson, Craig R. Allen and C. S. Holling, Island Press, 2010, pp. 19-49. Originally published in 1973, in *Annual Review of Ecology and Systematics* 4, pp. 1-23.

Jacobs, Naomi. "Failures of the imagination in *Ecotopia*". https://www.academia.edu/5699504/Failures_of_the_Imagination_in_Ecotopia. Accessed 10/12/2019.

Novaes, João. *Mia Couto: a literatura como forma de ativismo*. <https://outraspalavras.net/outrasmidias/mia-couto-literatura-como-forma-de-ativismo-politico/>. Accessed 10/12/2019.

Oliveira, Luiz Henrique. *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/resenhas/ensaio/DawnDukeAescritoraafrobrasileira.pdf>. Accessed 10/12/2019.

Piercy, Marge. *Woman on the Edge of Time*. Alfred A. Knopf, 1976.

Phillips, Dana. "Collapse, resilience, stability and sustainability in Margaret Atwood's *MaddAddam* trilogy". *Literature and sustainability - Concept, text and culture*, edited by Adeline Johns-Putra, John Parham, and Louise Squire, University Press, 2017, pp. 139-58.

Sargent, Lyman Tower. "Everyday life in utopia: food". *Food utopias - Reimagining citizenship, ethics and community*, edited by Paul V. Stock, Michael Carolan, and Christopher Rosin, Routledge, 2015, pp. 14-32.

Wohl, Anthony S. *Endangered Lives: Public Health in Victorian Britain*. Harvard University Press, 1983.

¹ Luiz Henrique de Oliveira é Doutor em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFMG.

² ". . . once one asks what people eat, questions arise about how the food is produced, how it is prepared and who prepares it, how it is served and who serves it, who cleans up after the meal, and what happens to the leftovers. And these questions clearly imply such issues as the nature of families and communities, gender relations, rural/urban relations, the economics and mechanics of production, distribution, and consumption, and sanitation, and these issues also clearly relate to the political system and how decisions about these questions are made." (Essa e as seguintes traduções são de minha autoria). Esta e as seguintes traduções são de minha autoria.

³ "Kids work, old folk work, women and men work. We put a lot of work into feeding everybody without destroying the soil, keeping up its health and fertility. With most everybody at it part time, nobody breaks their back and grubs dawn to dusk like old time farmers."

⁴ ". . . environmental problems require analysis in cultural as well as scientific terms, because they are the outcome of an interaction between ecological knowledge of nature and its cultural inflection. This will involve interdisciplinary scholarship that draws on literary and cultural theory, philosophy, sociology, psychology and environmental history, as well as ecology."

⁵ ". . . the outside-the-box thought experiments of literature and other media can offer unique resources for activating concern and creative thinking about the planet's environmental future. By themselves, creative depictions of environmental harm are unlikely to free societies from lifestyles that depend on radically transforming ecosystems. But reflecting on works of imagination may prompt intensified concern about the consequences of such choices and possible alternatives to them."

⁶ "Literature and environment studies . . . comprise an eclectic, pluriform, and cross-disciplinary initiative that aims to explore the environmental dimensions of literature and other creative media . . ."

⁷ Phillips analisa especificamente o primeiro romance da trilogia, *Oryx and Crake*.

⁸ "'Sustainability' has been a word in search of a precise meaning for several decades. Many people and most governments are convinced that sustainability would be a good thing. It is variously defined as an embrace of alternative energy sources, as the practice of so-called permaculture, as a philosophy of low-impact living, and - for some of its adherents, including most governments - as a new strategy for continued development along the familiar lines established by capitalism and in the wake of peak oil. Precisely because it means so much, no one has been able to disambiguate the term, to identify the necessary components of sustainability and explain how it might be achieved."

⁹ "Resilience therefore seems to play a subversive role in these novels. As I suggested earlier, along with stability, resilience might be said to mediate between collapse and sustainability. But the result is, at

best, a slovenly synthesis - and the mediation or rather the evolutionary process seems to be ongoing, with no end in sight.”

¹⁰ “evolutionary processes continue to run just as they always have done. The result of Crake’s tinkering is not stability, but resilience - in the Crakers’ case, of human nature - and a doubtful forecast for sustainability.”

¹¹ “resilience is a measure of the persistence of systems and their ability to absorb change and disturbance and still maintain the same relationships between population or state variables.”

¹² “So one might say that while a threat of collapse - which in our time is posed most dramatically by global climate change - makes achieving sustainability seem to be an absolute necessity, a reality of resilience suggest that there is some middle ground between the two extremes, a dynamic space where something like an ongoing negotiation over the seemingly stark differences between collapse and sustainability can occur. Juxtaposition of worst-case and best-case scenarios of the future of the environment has obscured this middle ground in popular discourse, as has the lingering belief that, left to its own devices, the natural world prefers stability. . . . The middle ground is contested ground.”

¹³ “What has happened before Oryx and Crake begins might be characterised less as a collapse than as a failure, a falling short, of sustainability - of precisely the kind we are experiencing at the present moment in history.”

¹⁴ “A healthy, balanced ecosystem, including human and nonhuman inhabitants, must maintain diversity Social life and natural life are literally simplified to the inorganic for the convenience of market society. Therefore, we need a decentralized global movement that is founded on common interests yet celebrates diversity and opposes all forms of domination and violence.”

¹⁵ “The landscape in *MaddAddam* is so wrecked that the survivors have no choice but to continue scrounging among the remains of the very industrial civilization they once had hoped to forswear On the one hand, they have seen the end of industrial civilization; on the other hand, they continue enterprises they have begun threaten to reinvent industrial processes all over again.”

¹⁶ O termo “Imaginativismo” é de autoria da Dr. Joan Haran e “se refere às formas pelas quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção cultural ficcional” (70).

¹⁷ O Projeto integra-se no Projeto Utopia500 (<https://www.utopia500.net/>) e resulta de um protocolo celebrado entre o CETAPS / Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Câmara Municipal de Valongo, que tem por objetivo promover a forma de pensar utópica nas escolas do município, com vista à construção participada de um futuro sustentável para a região.

¹⁸ O CETAPS tem contado, desde junho de 2015, com o trabalho empenhado de um número significativo de jovens (mais de 50 estagiários até à data), com os graus de licenciatura e/ou mestrado, oriundos de toda a Europa, que se envolveram no Projeto Utopia500 através do programa de mobilidade ERASMUS +.

¹⁹ Também conhecida como Mandioca: raiz cujo poder nutricional tem sustentado comunidades indígenas e locais das regiões norte e nordeste do Brasil.